

EVOCÇÃO NO RETIRO DO ARTISTA RIOGRANDENSE: IMAGEM-LEMBRANÇA E MEMÓRIA AFETIVA NO PROCESSO DE RECEPÇÃO TEATRAL

Clóvis Dias Massa

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Recepção, evocção, memória afetiva.

A pesquisa tenciona compreender o processo de evocção e refletir sobre o vínculo entre a imagem-lembrança e a memória afetiva neste subprocesso da recepção teatral, a partir do contato com moradores do Retiro do Artista Riograndense, instituição que acolhe idosos da classe teatral. Situado no bairro Glória, em Porto Alegre, o Retiro foi inaugurado por Aldo Crivet, diretor do Serviço Nacional do Teatro, a 29 de setembro de 1952, com Dulcina de Moraes e Odilon Azevedo como paraninfos. Atualmente, o Retiro não recebe apoio de nenhum órgão estatal. É mantido com o esforço dos moradores e com doações de alimentos por particulares.

Apesar dos temas que naturalmente surgem na aproximação com os entrevistados, tais como o envelhecimento dos artistas idosos, o afastamento do trabalho artístico profissional, o viver na instituição (BRITO, 2005), o estudo optou por focar o olhar sobre o passado, mais precisamente a representação da experiência vivida a partir da constituição de imagens virtuais.

Dona Laís Dias, de 81 anos, moradora do Retiro, possibilitou a articulação de vários aspectos em torno da proposta de uma investigação empírica acerca do assunto. Viúva do ator e diretor Pereira Dias, que na década de quarenta atuou no Teatro de Emergência, no bairro Bom Fim (palco de montagens com a célebre comediante Iracema de Alencar), dona Laís conheceu o marido quando ele fazia esquetes entre os atos das peças mais longas. Após se casarem, o casal passou a morar no eixo Rio-São Paulo, quando ela começou a fazer pequenas participações ao lado do marido, que já ganhava certo destaque nos espetáculos de Procópio Ferreira. A partir dos anos cinquenta, ela tornou-se dama-central na Companhia de Bibi Ferreira, em geral cabendo-lhe o papel da amiga da protagonista. Depois de ter sido também secretária e cabeleireira de Bibi por muitos anos, hoje dona Laís é uma das moradoras da Casa do Artista Riograndense. O depoimento sobre sua trajetória pessoal e artística serve de fonte para o enriquecimento da bagagem histórica e afetiva de qualquer pesquisador.

O primeiro encontro, no qual foi feita a mais extensa das entrevistas, forneceu o maior número de informações a respeito do seu passado, mas também de contrastes sobre ela. Mais do que pela análise objetiva do discurso, essas impressões contrastantes surgiram pela maneira como o tratamento foi expresso pela própria entrevistada. Podemos sintetizar os temas de referência nessa ordem: como dona Laís, ainda jovem, quando freqüentava o Teatro de Emergência, conheceu e se aproximou do futuro marido; o noivado e o casamento com Pereira Dias; a iniciação teatral e as turnês com a companhia de Procópio; o trabalho na companhia de Bibi Ferreira; seus dotes como

atriz e modelo; as duas gestações; o talento do marido e, após o retorno a Porto Alegre, os filmes dele com Teixeira; sua atividade como cabeleireira; a morte repentina do marido e a previsão de morar na Casa do Artista Riograndense; a vinda para o Retiro e sua atual situação familiar; a velhice; as características das companhias no passado; o vínculo atual com Bibi Ferreira; as dificuldades e facilidades para freqüentar o teatro hoje em dia; as lembranças marcantes em atuações de Bibi e a formação da amiga famosa; a atuação emocionante de Paulo Autran; as virtudes do "seu" Procópio.

Consideradas como imagens-lembrança, as imagens virtuais asseguraram a progressão de uma narração linear, conforme definiu Deleuze a partir da filosofia de Bergson: "*Se a imagem se faz 'imagem-lembrança', é somente na medida em que foi procurar uma 'lembrança pura' lá onde se encontrava, pura virtualidade contida nas zonas escondidas do passado tal como em si mesma.*" (DELEUZE, 1990: 70) No circuito fechado que vai do presente ao passado e volta ao presente, as imagens virtuais remontam a um *flash-back*. Tais imagens-lembrança não restituem o passado, mas representam o antigo presente que o passado foi: "*Mas a primeira My Fair Lady que ela fez, ela tinha uma fanha. Até o disco eu tenho. E era fanhoso, porque ela tinha desvio de septo. Mas ela era mulher mais medrosa do mundo para tomar uma injeção. Então queriam fazer o desvio de septo e ela não aceitava. Um dia ela me convidou: 'Láís, vamos junto: tu faz esse teu nariz, tira essa calombo, dá uma arredondadinha, e eu tiro o desvio do septo.' Meu marido não deixou, 'não, não, não, não, nasceu com o nariz assim, não te atrapalhou em nada, vai morrer com o nariz assim.' Não deixou. Ela foi fazer. Acompanhei ela, fiquei no hospital e foi fazer o desvio do septo. Aí perdeu o medo de hospital. Aí depois disso, já fez mil plásticas. Eu achava lindo ela cantando, porque aí teve uma fase que ela já não tinha mais fanha e aí ficou mais lindo ainda. Porque ela realizou um sonho. Quando ela foi estudar, ela foi para o Sacré-Coeur, o mais fino do Rio de Janeiro. Não aceitaram a Bibi porque era filha de artista. Aí ele mandou ela para a Inglaterra, ela foi educada na Inglaterra, eu até tenho fotografia dela na Inglaterra. Ela foi educada na Inglaterra porque não aceitavam, porque eram as famílias mais tradicionais que freqüentavam aquele colégio e filha de ator não podia freqüentar. Então ela estudou na Inglaterra, teve uma educação maravilhosa, ela é poliglota, ela fala dez línguas, sei lá. Quando eu ia para lá, ela descia a escada e dizia: 'Bon jour, Láís'. Eu dizia, 'Vixe, hoje é francês!' 'É, hoje, Láís, só vamos falar em francês.' Outro dia: 'Buenos dias, Láís'. 'Hoje vamos de espanhol.' 'Não, Láís, nós temos que treinar, porque senão a gente não fala a língua, desaprende.' Depois de que eu tive esse contato, essa vida com ela, desaprendi, sei meia dúzia de francês, meia dúzia de inglês, meia dúzia de espanhol. E ela fazia assim, para treinar. E o maior sonho de Bibi, ela já era atriz, maravilhosa, era ser cantora e bailarina. Ela fez balé, mas seu Procópio não deixava fazer, balé, mas ela foi formada em balé, de tanto que ela gostava. E queria cantar, mas tinha o problema da fanha. Mas, 'Láís, agora sim, dizem que a gente nunca se realiza, mas eu posso dizer que estou*

realizada porque alcancei o meu objetivo, o meu sonho, que era cantar, dançar.' Ela cantava e dançava, em Alô, Dolly!, que era uma maravilha. My Fair Lady ela não dançava muito, mas ela cantava e era atriz. Mas em Alô, Dolly! ela dançava muito."

Diferenciada a rememoração recente (em que atua principalmente a memória imediata, logo após a apreciação do espetáculo teatral) da evocação acionada tempos depois, a qual resguarda alto grau de vínculo afetivo, mais adiante foi compreendida a interação entre os dois tipos de lembrança. Em seu artigo sobre as “lembranças encobridoras”, Freud observou que reinventamos nosso passado ao omitirmos passagens que seriam incômodas ao consciente. Deste modo, esses eventos têm um fundo de realidade, mas um tanto de ficção. Como, mais do que a experiência em si, o importante é como nos apropriamos da experiência que vivemos, são dignas de recordação as experiências que despertam algumas emoções poderosas ou que, devido a suas conseqüências, sejam reconhecidas como importantes logo após sua ocorrência. (FREUD: 1976: 335)

Stanislavski, quando tratou sobre a memória das emoções, nos ensinou que o ator tem necessidade de ter "*uma vida plena, variada, exigente e inspiradora*" (STANISLAVSKI, 1968: 196). Por atuar em sua própria pessoa e utilizar sentimentos pessoais, o ator nunca poderia fugir de si mesmo. No caso de dona Laís, a plenitude da trajetória da atriz confunde-se com a da espectadora. A rememoração dos momentos mais emocionais faz com que as impressões sensoriais sejam retomadas pelo reconhecimento atento de que nos fala Deleuze. A descrição do passado se faz por meio da construção da imagem sonora que, em muitos trechos da entrevista, recupera as falas aproximadas dos diálogos ocorridos com os interlocutores no passado (como o marido, Bibi, Tarcisinho, Glória Menezes, etc.). Apresentado como contínuo que se conservou no tempo, o passado de dona Laís penetra na lembrança pura e se atualiza em imagens-lembrança com fortes vínculos emocionais, como acontece no trecho mais emocional do relato: "*Nossa! Bibi em My Fair Lady eu enlouquecia! Cada vez que ela.. Aquela parte que ela canta (canta) "Eu dançaria assim..." Nossa. De escutar eu já me emociono, eu amava"*.

Referências

BACHELARD, Gaston. **La dialectique de la durée**. Paris: Presses Universitaires de France, 1972.

BACHELARD, Gaston. **L'intuition de l'instant**. Paris: Mediations, 1966.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória**: de senectute e outros escritos autobiográficos. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BRITO, Sérgio da Costa. **O retorno aos bastidores: envelhecer no Retiro do Artista Riograndense**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, 2005.

CÍCERO, Marco Túlio. **Sobre o destino**. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 1993.

DE MARINIS, Marco. **Comprender el teatro**: lineamentos de una nueva teatrología. Buenos Aires: Editorial Galerna, 1997.

DE MARINIS, Marco. **En busca del actor y del espectador**: comprender el teatro II. Buenos Aires: Editorial Galerna, 2005.

DE MARINIS, Marco. *Toward a cognitive semiotic of theatrical emotions*. In: **Versus**: quaderni di studi semiotici, Milão, n. 41, 1985, pp. 5-19.

DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

FREUD, Sigmund. “O mecanismo psíquico do esquecimento.” “Lembranças encobridoras”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Volume 3. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976, pp. 313-354.

STANISLAVSKI, Konstantin. **A preparação do ator**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.